



Era uma vez Ninguém
e ninguém mais.

Ninguém estava sozinho.

Ninguém não estava só sozinho.
Ninguém também não tinha
com o que brincar,
e nenhum lugar
para ir.

Uma maravilhosa história de amor
sobre o começo de tudo.



hedra
educação

101

Bart Mertens Benjamin Leroy

Ninguém e eu

Ninguém e eu

Tradução • Jorge Sallum

hedra
educação

O reizinho que só falava sim

Fê

Sumário

1	Carta ao professor	1
2	Sobre o livro	2
3	Sobre o autor	3
4	Sobre o gênero	5
5	Atividades	7
5.1	Pré-leitura	7
5.1.1	Atividade 1	7
5.2	Leitura	8
5.2.1	Atividade 1	9
5.2.2	Atividade 2	9
5.3	Pós-leitura	11
5.3.1	Atividade 1	11
5.3.2	Atividade 2	13
6	Sugestões de referências complementares	14
7	Bibliografia comentada	15
7.1	Livros	15

1 Carta ao professor

Caros professores e professoras,
esperamos, com este material, auxiliá-los no trabalho com o **Ensino Fundamental I** em sala de aula. *O reizinho que só falava sim*, de Fê, é um livro singular por vários motivos e possibilita atividades didáticas interessantíssimas, como vocês acompanharão no decorrer do manual. Trata-se da estreia do autor, produzido depois de uma extensa carreira ilustrando livros de outros escritores.



ARAUCÁRIA
edições

OBRAS

XXX-XX-XXXXXX-XX-X (ESTUDANTE)
XXX-XX-XXXXXX-XX-X (PROFESSOR)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jorge Sallum

Suzana Salama

Felipe Musetti

EDIÇÃO

Paulo Henrique Pompermaier

Renier Silva

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Ana Lancman

Nathalia Tomaz

DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO

EdLab Press

LICENÇAS

CC-BY-NC 3.0 BR

ARAUCÁRIA EDIÇÕES

Estrada Principal da Samabaia, 4479

• 95400-000

São Francisco de Paula RS

55 11 991876080

letigfernandes@gmail.com

Os adultos perceberão, ao ler este livro, que não é somente para as crianças que ele tem um grande valor. Baseado em experiências pessoais de Fê, o livro versa sobre a capacidade de tomar as rédeas da própria vida e saber impor os próprios limites, sem no entanto deixar-se cair numa rigidez restritiva absoluta – habilidade muito cara à vida adulta. Na infância e adolescência, no entanto, reconhecer e impor limites é ainda mais importante para se evitar abusos de diversos aspectos. Por isso, consideramos o trabalho com este livro de grande valia para o desenvolvimento destes indivíduos.

Começamos o manual com uma atividade de imaginação conjunta que trabalha habilidades de socialização articulando os limites entre o Eu e o Outro: assim como na brincadeira de imaginar desenhos nas nuvens, esta relação deve ser favorável para ambas as partes e ser uma via de mão dupla, com todos participandoativamente de maneira intercalada. Fala e escuta são competências fortemente trabalhadas aqui.

Então, passamos para uma atividade na qual a gramática se mostra mais presente. Vamos entender como funcionam as concessões e negações da vida real no universo da análise sintática. Trata-se dos advérbios de negação, afirmação e dúvida. Neste ponto, propomos uma abordagem que favoreça o sentido da discussão trazida pela obra literária para a apresentação dos conceitos gramaticais.

Por fim, propomos uma atividade de criação artística, tanto textual quanto visual, na qual alunos e alunas sejam convidados a contar, sob seus próprios pontos de vista, enquanto narradores-personagens, um fato de suas vidas.

Esperamos, professores, que este material sirva como guia para seu trabalho em sala de aula. Já contamos, no entanto, com as adaptações que surgirão organicamente na recepção do mesmo por vocês, que possuem trajetórias e escolhas didáticas específicas, bem como no contato com os alunos, que tanto têm a oferecer para o enriquecimento da experiência didática.

Boa aula!

2 Sobre o livro

O reizinho que só falava sim é o primeiro livro feito inteiramente pelo autor, Fê. Foi criado num momento importante de sua vida marcado por perdas quando ele passou a questionar sua posição em relação ao mundo. O livro conta a história de uma criança chamada

Guilherme que vive no reino de seu pai, o rei George. Um dia Gui ocupará o lugar de seu pai e, para isso, deve aprender como se portar como tal.

A principal dificuldade que o reizinho Guilherme encontra é que ele não sabe dizer *não*, nem *talvez*. Sua única resposta aos pedidos dos outros – sobretudo de seus colegas que vêm brincar com seus numerosos brinquedos, que só o filho de um rei poderia ter – é *sim*. Isto lhe aborrece pois nem sempre ele está à vontade para dar o que é seu.

A história começa a mudar quando o corpo do reizinho sofre grandes mudanças: todos os *nãos* e *talvez* que ele não disse o fazem inchar cada vez mais. Caso não ocorra nenhuma mudança em seu comportamento, ele vai inchar tanto a ponto de explodir, aí sim, jorrando essas palavras para todos os lados.

Com este perigo eminente e com a ajuda de um amigo, o pássaro azul, o reizinho Gui aprende a responder de outras formas aos pedidos do mundo e sua vida se torna bem mais interessante e mais leve.

A história do *reizinho que só falava sim* é ilustrada do começo ao fim, o que deve tornar a leitura ainda mais divertida para os estudantes.

3 Sobre o autor

Nascido em Santos, no litoral de São Paulo, Fernando Luiz, ou Fê, seu nome artístico, é um escritor e ilustrador que há algumas décadas trabalha nesta área. Mora desde 2005 em Londres mas sempre vem ao Brasil para uma temporada de divulgação de seu trabalho. Para ele, a criatividade é maior expressão de comunicação com o mundo, e não há lugar mais favorável para ela do que a literatura infantojuvenil.

Seus materiais de trabalho mais básicos são um *tablet* e uma caneta digital. A partir de um software chamado *Painter*, ele simula digitalmente várias técnicas da pintura tradicional, como a aquarela, o pastel, o carvão, o óleo, o lápis de cera, dentre outras, que garantem um estilo único e versátil às suas ilustrações, cada vez mais interessantes.

Fê formou-se em Arquitetura na Universidade de Arquitetura e Urbanismo e Santos, depois, em Comunicação Visual, e fez pós graduação em tecnologia gráfica na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Antes disso, ainda



Figura 1: Escritor e ilustrador Fê. (Arquivo pessoal).

garoto, por indicação da professora de artes de sua escola, foi matriculado numa escola de desenho e pintura, a Società Italiana di Beneficenza, onde teve seu primeiro contato mais especializado com as artes.

O reizinho que só falava sim é seu primeiro livro completamente autoral, depois de anos ilustrando vários livros escritos por outros autores. Ele surge num momento delicado da vida do autor. Depois de uma série de perdas de pessoas queridas, Fê passou a questionar sua forma de se relacionar com as pessoas e o mundo, em geral tendenciosa para o “sim” como resposta a tudo e todos. Daí surgiu a inspiração para contar a história do livro.

Depois de sua estreia, diversos outros livros autorais foram publicados, como *No mundo do faz de conta*, *Brinconto*, *Ki-som-será?*, na coleção Criantiva da Editora Paulinas, *ACabe...*, pela mesma editora, *A pinta fujona*, *A menina que engoliu o mundo*, pela Editora Iluminuras; pela Editora Palavras, lançou *OOOBAAAA!*, e pela Editora SEI, *Meu canto e o seu encanto*. Sua publicação mais recente é *Quantas rodas tem uma bicicleta?*, pela Editora Casa do Lobo, em coautoria com Eliandro Rocha.

Fê também já ilustrou mais de quarenta títulos, dentre os quais estão *Guerra dos bichos*, da Editora Brinque-Book, *As meias dos Flamingos* e *Os três tesouros*, da Editora Larousse, *Ana e Ana*, da Editora DCL, *Ensinei meu gato a falar francês*, pelo qual recebeu o Prêmio Açorianos de ilustração em 2006, e *O homem que escrevia ao contrário*, pela Editora Paulinas, *Contos de Perrault*, *Conversa de passarinhos*, *DiaNoite*, *Haikais para crianças*, *Estação dos bichos*, *Meu cavalinho vermelho*, *Se o menino tem asas*, *O gato do mato e o cachorro do morro*, *A borboleta chique*, enfim... A lista continuaria ainda por muito tempo.

Atualmente, Fê trabalha como ilustrador das crônicas de José Simão no jornal *Folha de S. Paulo*.

4 Sobre o gênero

O gênero O gênero deste livro é a *conto; crônica; novela*.

Descrição O que define um gênero narrativo é o fato de, não importa qual seja sua forma, eles *contarem uma história*. As especificidades do *como* esta história será contada é que qualificaram os tipos de gênero narrativo, que podem ser: conto, crônica, novela, epopeia, romance ou fábula.

Toda narrativa possui, necessariamente, um narrador, uma personagem, um enredo, um tempo e um espaço. O narrador, ou narradora, pode ser onisciente, literalmente *que tudo sabe*, observador ou personagem — categorias que não são excludentes. O discurso elaborado por este narrador ou narradora pode ser direto, indireto ou indireto livre — ou seja, ele ou ela pode aparecer mais diretamente ou mais indiretamente; no último caso, sua voz se mistura à das personagens da história.

O narrador **não é necessariamente** a voz do autor. É errada a afirmação de que o autor fala através do narrador de uma história. É bastante comum, há algum tempo na história literária, sobretudo desde os pré-modernistas, que o narrador represente justamente o contrário do que pensa o autor. Neste caso, utilizam-se elementos como a **ironia** para sugerir que o autor *não é confiável*.

Já as personagens variam quanto a sua **profundidade**. Há personagens planas, ou personagens-tipo, e personagens redondas, ou complexas. Personagens planas são facilmente repetíveis pois se amparam em lugares-comuns da cultura, como o vilão, o herói, a vítima, o palhaço, tudo isso com marcações de gênero e espécie — o herói tradicionalmente é um homem, a vítima, uma mulher, e o vilão, uma figura que se afasta da humanidade por alguma razão, às vezes sobrenatural. Personagens redondos, por outro lado, estão mais próximos das *pessoas reais*. Uma personagem complexa pode ser, em um dado momento da narrativa, vilã, e em outro, heroína. É importante notar como as visões de mundo, um traço cultural e portanto relativo, influenciam na caracterização das personagens, planas ou redondas, de uma história.

O tempo de uma narrativa pode ser cronológico ou psicológico. No tempo cronológico, o enredo segue a ordem “normal” dos acontecimentos, aquela marcada pelo relógio e pelo calendário. Os acontecimentos vêm um após o outro, e *passado, presente e futuro* são muito bem delimitados. Já no tempo psicológico, segue-se uma ordem *subjetiva* dos acontecimentos, e portanto, *não linear*, já que a influência emocional e psíquica da subjetividade afeta a racionalidade do tempo cronológico.

O espaço, por fim, é o lugar onde se passa a narrativa. Dependendo do caso, ele pode funcionar mais como um plano de fundo, sem muita interferência no enredo, ou mais ativamente, aproximando-se das características das personagens e influenciando no desenrolar da trama.

O último aspecto de um gênero narrativo que podemos abordar é sua *extensão*. Dentre os elementos que distinguem um subgênero de outro é o tamanho da história: uma crônica e um conto são *necessariamente* curtos, ao passo que uma epopeia e um romance são longos. Uma novela está no ponto intermediário entre um romance e um conto. Ainda poderíamos falar dos registros de cada subgênero: a epopeia é originalmente um subgênero *oral*, versificado, e metrificado, já o romance é tradicionalmente *escrito* em prosa. Desde meados do século XVIII, no entanto, o estabelecimento dos gêneros e subgêneros narrativos tornam-se cada vez menos rígido, com as características cada vez mais fluidas e intercomunicativas.

Como o presente livro é uma narrativa *curta*, finalizamos com as palavras de Luiza Vilma Pires a respeito do subgênero:

sob o nome de narrativa curta, estão situadas obras que apresentam uma trama um pouco mais complexa, que ocorre em diversos espaços e em uma temporalidade que pode ser de vários dias, semanas ou meses. Entretanto a função das ilustrações continua as mesmas, são complementares à história e contribuem para sua compreensão. Os temas relacionam-se a vivência infantis (brincadeiras, passeios, pequenas aventuras), a aspectos ligados à interioridade das personagens (busca de identidade, insegurança, medos) ou a relações interpessoais (desentendimentos familiares, entre amigos, solidariedade).¹

5 Atividades

5.1 Pré-leitura

BNCC	1	Arte
EF15AR24		
<p>Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.</p>		

5.1.1 Atividade 1

Tema Brincando de olhar para o céu!

¹“Narrativas infantis”, de Luiza Vilma Pires Vale. In SARAIVA, J. A. (Org.) *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Conteúdo Brincar de imaginar coletivamente desenhos formados pelas nuvens no céu.

Justificativa Olhar para o céu e imaginar desenhos nas nuvens é uma brincadeira muito simples que trabalha faculdades importantes no desenvolvimento do ser humano. Por exercitar a capacidade imaginativa dos indivíduos, esta brincadeira está ligada à habilidade de solucionar problemas na vida quotidiana por meio da busca de soluções. Além disso, por se tratar de uma atividade ao ar livre, em contato com a natureza, evidencia para as crianças a pluralidade de experiências que os elementos naturais podem oferecer quando se é dada a atenção adequada. Já no que diz respeito à **relação do Eu com o Outro**, a atividade de elaborar uma imaginação conjunta propicia o exercício da coletividade no grupo.

Metodologia Numa área externa da escola, peça que os alunos e alunas se deitem no chão em grupos de mais ou menos três pessoas. É preciso que seja **um dia de sol com nuvens**. Então, deixe os grupos livres para imaginarem o que quiserem. Não deixe de lembrar-lhes que a imaginação pode ser feita de modo individual mas também coletivamente.

Ainda na área externa, dê folhas em branco e instrumentos de artes como lápis de cor, tinta e giz de cera colorido às crianças e peça que ilustrem alguns dos desenhos que viram. Ainda que a atividade de imaginar os desenhos nas nuvens tenha sido feita de modo coletivo, é importante que, neste momento, o registro seja individual. Os desenhos serão usados mais à frente em outra atividade.

Tempo estimado Duas aulas de cinquenta minutos.

5.2 Leitura

BNCC	2	Língua Portuguesa
EF35LP01	Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado.	

BNCC

3

EF35LP05

Língua Portuguesa

Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto.

5.2.1 Atividade 1

Tema Lendo em voz alta com a turma!

Conteúdo Leitura e escuta compartilhada e autônoma.

Justificativa A leitura em voz alta, ainda que evitada nas séries mais elevadas do Ensino Médio, tem sua importância nos anos iniciais e finais do **Ensino Fundamental**. Ela funciona como um marcador da qualidade da leitura dos alunos e alunas, além de ser um elemento socializador, ao fazer com que estudantes que geralmente não participam das aulas falem.

Metodologia O professor ou professora pode começar lendo o primeiro parágrafo do texto, e a partir do segundo, passar para os alunos. Eventuais correções de pronúncia devem ser feitas, conforme achar necessário.

Durante a leitura, faça algumas perguntas de verificação de leitura, como:

- Por que o reizinho Gui está ficando inchado?
- Qual o problema de sempre dizer *sim*?
- Qual foi a solução encontrada para não ficar só entre o *sim* e o *não*?

Finalize a leitura pedindo que eles **escrevam uma frase** que resuma o que eles aprenderam com a história. Então, que leiam em voz alta para o restante da turma.

Tempo estimado Duas aulas de cinquenta minutos.

5.2.2 Atividade 2

Tema Entendendo a importância das escolhas com a gramática.

Conteúdo Análise sintática: os advérbios *sim*, *não* e *talvez*.

Justificativa A abordagem dos aspectos linguísticos e semióticos pela perspectiva enunciativo-discursiva é feita pela leitura dos efeitos de sentido produzidos pelas práticas de linguagem nos diferentes campos de atuação por meio dos diversos gêneros textuais, neste caso, uma narrativa curta. A este respeito, a BNCC diz que:

“Os conhecimentos sobre a língua, as demais semioses e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas. A seleção de habilidades na BNCC está relacionada com aqueles conhecimentos fundamentais para que o estudante possa apropriar-se do sistema linguístico que organiza o português brasileiro.”²

Metodologia Para introduzir a noção de **advérbio**, escreva na lousa a seguinte definição: “Advérbios são palavras invariáveis que determinam o sentido de um verbo, adjetivo ou outro advérbio.”

Siga com a seguinte reflexão: dado que **verbos** expressam uma ação, estado ou fenômeno da natureza, podemos entender, então, que os advérbios **mudam a forma como as coisas acontecem**. *Sim, não e talvez* são advérbios, cada um de uma subclasse:

- Advérbios de afirmação;
- Advérbios de negação;
- Advérbios de dúvida.

Nem sempre na vida temos certeza, nem positiva nem negativamente sobre alguma situação, e para isso existem os advérbios de dúvida. No entanto, estes são apenas os mais conhecidos de cada subclasse. Dentre os advérbios de **afirmação**, temos, além de *sim*:

- Realmente;
- Certamente;
- Perfeitamente;
- Deveras.

Dentre os de **negação**, além de *não*:

²BNCC – Língua portuguesa no Ensino Fundamental. Cap. 4.1.1.2, p. 137 – dezembro de 2017.

- Nem;
- Nunca (que combina **negação** e **tempo**);
- Jamais (que também combina essas duas circunstâncias);
- Tampouco.

E, por fim, dentre os de **dúvida**, além de *talvez*:

- Provavelmente;
- Supostamente.

Agora que a turma conhece algumas subclasses de advérbios, o professor ou professora pode propor alguns exercícios de sua escolha para praticar o conhecimento recém adquirido, seja com a leitura de trechos do próprio livro, seja com frases aleatórias para a prática dos advérbios!

Tempo estimado Duas aulas de cinquenta minutos.

5.3 Pós-leitura

5.3.1 Atividade 1

Tema Assumindo o protagonismo!

Conteúdo Criação de uma curta narrativa autobiográfica ilustrada.

Justificativa O livro *O reizinho que só dizia sim* trata de um tema muito importante para os jovens estudantes do Ensino Fundamental, e para todas as pessoas num geral: a capacidade de decidir sobre a própria vida e ter **autonomia sobre si mesmo e sobre seu corpo**. Por meio da história do reizinho Gui, eles devem ter percebido como o ato de se posicionar perante os acontecimentos da vida com maleabilidade e respeito aos próprios limites é de grande importância. Ao fazer isso, o indivíduo passa a tomar um lugar de protagonismo sobre sua própria história. Por isso, alunos e alunas devem ser incentivados a *contar uma história* verídica de suas vidas, de modo que, com o auxílio das ferramentas artísticas da literatura e da ilustração, se sintam à vontade para exercitar a prática saudável de comunicar-se com o seu entorno.



Figura 2: É essencial para um bom desenvolvimento do indivíduo que as crianças aprendam a falar sobre si mesmas. (Licença Creative Commons).

Metodologia Comece a aula pedindo que a turma retome os desenhos que fizeram na **Atividade de pré-leitura**, quando ilustraram os desenhos que viram nas nuvens. Agora, devem **contar uma história** em primeira pessoa de algo que aconteceu com eles. Eles e elas devem necessariamente ocupar a posição de narrador-personagem. Para isso, devem construir os elementos que compõem uma narrativa: espaço, tempo, personagens, enredo, e, neste caso, as ilustrações.

O trabalho deve ser feito individualmente. As crianças podem usar os desenhos do livro para se inspirar e mesmo os dos colegas. Devem, no entanto, manter-se fiéis ao que querem contar, a história que **só elas sabem**.

Para as ilustrações, o professor ou professor pode sugerir que trabalhem com **aquarela**. Trata-se de uma técnica simples de pintura, além de se aproximar esteticamente da primeira atividade de sensibilização que alunos e alunas tiveram na brincadeira de imaginar desenhos nas nuvens.

O resultado do trabalho pode ser exposto para a turma e em um **blog** criado pela turma, para que as famílias, amigos e a comunidade escolar e do entorno possam ler as histórias de todos e todas.

Tempo estimado Quatro aulas de cinquenta minutos.

5.3.2 Atividade 2

BNCC

4

Arte

EF15AR24

Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.

BNCC

5

Língua Portuguesa

EF03LP13

Planejar e produzir cartas pessoais e diários, com expressão de sentimentos e opiniões, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, de acordo com as convenções dos gêneros carta e diário e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.

Tema Oficina de contação de histórias.

Conteúdo Organização de uma roda de contação de histórias com protagonismo dos alunos e alunas.

Justificativa A contação de histórias trabalha competências que dizem respeito ao campo linguístico e sociocomunicativo. Ao contar uma história, o indivíduo se apropria do lugar do narrador e atuar como cocriador da mesma. Além do conteúdo propriamente dito da história, toda a estrutura linguística e gramatical, a sintaxe e o vocabulário presentes no texto serão trabalhados. O grande diferencial desta atividade é que seu objetivo não está exclusivamente no exercícios destas capacidades linguísticas, mas sim ligados a elas e à capacidade de **apresentar oralmente** um texto a um público. Fala e corpo estão totalmente ligados nesta atividade.

Metodologia Nesta aula, a turma deverá apresentar as histórias que compuseram na última **Atividade**. Além da partilha escrita e visual, é importante que os e as jovens possam exercitar o ato de **contar oralmente** suas próprias histórias.

Diferente da última atividade, na qual trabalharam sozinhos, agora eles podem solicitar a participação de colegas para realizar uma encenação de suas histórias. É interessante que os donos e donas das histórias sejam narradores-personagens nas cenas, ou seja, que eles tenham a voz principal e dialoguem com o público – o restante da turma.

Apresente à turma, para lhes inspirar na criação das cenas, algumas interpretações de grupos de teatro infantojuvenil que deixamos na seção de **Sugestões de referências complementares**.

Tempo estimado Duas aulas de cinquenta minutos.

6 Sugestões de referências complementares

Músicas, vídeos e filmes

- *O Rei Leão*. Roger Allers, Rob Minkoff. EUA, 1994.

Simba, filho do rei Musafa, é seu sucessor na linhagem real. Para assumir tal posto, precisa estar preparado. O filme mostra seu processo de amadurecimento da personagem até chegar ao trono.

Livros e artigos

- LIMA, Romeu R. de. *OcÊ QuÊ SabÊ?*. Clube de Autores, 2010.
- Companhia Arte e Manhas. *Os três porquinhos, O sítio do picapau amarelo em: o circo de cavalinhos, Páscoa em apuros*. Todos disponíveis em: [https://www.youtube.com/channel/UCn0kXgFQr4r91FycGnAidqA³](https://www.youtube.com/channel/UCn0kXgFQr4r91FycGnAidqA). Último acesso em 11 de janeiro de 2022.
- ALBERTI, Verena. “Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 1991.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1989.
- BRAGA, Marília da Costa; BEZERRA, Adriano Alves. “A literatura fantástica como incentivo à leitura”. *Anais v ENLIJE*. Agosto de 2014.
- GAMA-KHALIL, Marisa Martins. “A literatura fantástica: gênero ou modo?”. *Terra roxa e outras terras. Revista de Estudos Literários*. v. 26. Dezembro de 2013.
- LAPLATINE, F.; TRINDADE, L. S. *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

³Acessado em 21/11/2021.

- LEÃO, J. O. “A literatura fantástica e a formação de leitores no século XXI.” *Revista Húmus*. Setembro a dezembro de 2011.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

7 Bibliografia comentada

7.1 Livros

- ALBRECHT, Tatiana D'Ornellas. *Atividades lúdicas no Ensino Fundamental*. Universidade Católica Dom Bosco, MS, 2009. Disponível em: [https://site.ucdb.br/public/
md-dissertacoes/8072-atividades-ludicas-no-ensino-fundamental-
pdf](https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8072-atividades-ludicas-no-ensino-fundamental-pdf)⁴. Último acesso em 24 de dezembro de 2021.

As atividades lúdicas, quando bem aplicadas e no momento oportuno, trazem grandes benefícios. Contudo, a grande maioria das escolas não utiliza esse instrumento. Por que será que existe essa resistência por parte das escolas e dos professores? Por que não adequar o lúdico ao cotidiano escolar de maneira prática, educativa e ao mesmo tempo divertida?

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

Consultar a BNCC é essencial para criar atividades para a turma. Além de especificar quais habilidades precisam ser desenvolvidas em cada ano, é fonte de informações sobre o processo de aprendizagem infantil.

- BANDOCH, Adriana Rodrigues Vieira. *A inserção do teatro nas séries iniciais do Ensino Fundamental*. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2012. Disponível em: [http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/
20738/2/MD_EDUMTE_II_2012_03.pdf](http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20738/2/MD_EDUMTE_II_2012_03.pdf)⁵. Último acesso em 24 de dezembro de 2021.

O teatro no Ensino Fundamental é uma das formas de se trabalhar o conhecimento, pois nele há a possibilidade do ser humano em se integrar, vivenciar, expressar e criar situações, condições para novas aprendizagens éticas, sociais, culturais, históricas.

⁴Acessado em 21/11/2021.

⁵Acessado em 21/11/2021.

- VAN DER LINDEN, Sophie. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

Livro sobre as particularidades do livro ilustrado, que apresenta as diferenças entre o livro ilustrado e o livro com ilustração.